

ABANDONO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

A obsolescência dos espaços fabris na Vila de Santa Thereza, em Bagé/RS

ABANDONMENT OF INDUSTRIAL HERITAGE
The obsolescence of the manufacturing spaces
in Santa Thereza's Village, in Bagé/RS

Isadora Baptista Alves¹ e Aline Montagna da Silveira²

Resumo

Ao longo do tempo, os processos industriais podem passar por uma série de transformações, seja com os avanços tecnológicos, ou pelo surgimento de novas práticas. Assim, os núcleos e edificações fabris que compõem um complexo industrial estão sujeitos à passar pelo processo de obsolescência de determinados usos e funções. Este fato acarreta no arruinamento ou perda total dos bens que integram essa ambiência. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar a situação de abandono das ruínas da Vila de Santa Thereza, localizada em Bagé no Rio Grande do Sul a partir da premissa da obsolescência dos espaços fabris e apresentar a importância do reconhecimento e da salvaguarda dos exemplares da arquitetura industrial, em consonância com as reflexões contemporâneas do campo disciplinar. O método de análise constitui-se a partir de uma investigação através de revisão bibliográfica atrelada a análise de levantamento fotográfico realizado in loco. Em Santa Thereza, apesar de legislações existentes no âmbito estadual e municipal, constata-se a falta de ações efetivas de preservação, o que pode ser adquirido com o envolvimento das comunidades nos processos de patrimonialização.

Palavras-chave: patrimônio industrial, Santa Thereza, obsolescência, abandono, ruínas.

Abstract

Over time, industrial processes can undergo a series of transformations, either with technological advances or emergence of new practices. Thus, the industrial core and buildings that make up the industrial complex are subject to the process of obsolescence of certain uses and functions. This fact leads to the ruin or total loss of the assets that make up this ambience. In this sense, the goal of this work is to analyze the situation of abandonment of the ruins of Santa Thereza's village, located in Bagé, in Rio Grande do Sul from the premise of the obsolescence of factory spaces and to present the importance of recognizing and safeguarding examples of industrial architecture, in line with contemporary reflections in the disciplinary field. The method of analysis is based on an investigation through a bibliographical review linked to the analysis of a photographic survey carried out in loco. In Santa Thereza, despite existing state and municipal legislation, there is a lack of effective preservation actions, which can be acquired with the involvement of communities in heritage processes.

Keywords: industrial heritage, Santa Thereza, obsolescence, abandonment, ruins.

¹ Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/UFPel) e Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFPel/2020).

² Doutora em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP/2009), Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação (UFPel/2001) e Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (UFPel/1994).

Introdução

Ao longo do século XX, os inúmeros debates relacionados ao patrimônio cultural, sua proteção e preservação, culminaram na produção de novos conceitos, definições e perspectivas que visavam proteger e guiar as ações em obras de valor cultural. Nesse contexto de transformações e ampliações do conceito de patrimônio, surge a valorização do *Patrimônio Industrial*, categoria na qual se insere o objeto deste estudo. Segundo Kühl (2010), os trabalhos e discussões sobre esse tema tiveram seu início na década de 1950, porém, ganharam maior atenção em 1960 com a demolição de importantes obras arquitetônicas industriais.

Os avanços tecnológicos, econômicos e culturais da sociedade impactam de maneira significativa os complexos industriais. Este cenário de mudanças faz com que certas atividades da indústria acabem se transformando ou sendo extintas. Assim, os núcleos e edificações fabris acabam passando por um processo de obsolescência, que culmina na substituição ou desaparecimento total destes bens. Essa é uma realidade que ocorre em âmbito internacional, nacional e chega, inclusive, à fronteira sul do Rio Grande do Sul.

O núcleo fabril-charqueador de Santa Thereza, localizado na cidade de Bagé, no interior do Rio Grande do Sul, manifesta características desses processos. Apesar de se desenvolverem no complexo, até os dias atuais, atividades econômicas importantes para a região sul, como o caso dos frigoríficos, percebe-se que os processos de abandono de edificações ligadas à indústria do charque, mais especificamente, acontecem neste espaço.

Este trabalho pretende analisar a situação de abandono das ruínas da Vila de Santa Thereza, a partir da premissa da obsolescência dos espaços fabris. O local foi palco de muitas mudanças industriais e de encerramento do ciclo do charque na região de Bagé. Salienta-se que a realização de estudos e pesquisas acerca do tema proposto contribuem para fomentar discussões sobre a transformação desses espaços, as quais são inevitáveis. Dessa maneira, não se pretende alcançar constatações precisas, mas sim, refletir sobre os processos de abandono e arruinamento como consequência da obsolescência de determinados espaços. Outro objetivo é apresentar a importância do reconhecimento e da salvaguarda dos exemplares da arquitetura industrial, em consonância com as reflexões contemporâneas do campo disciplinar, que ressalta a ampliação tipológica dos bens passíveis de patrimonialização.

Caminhos metodológicos

A questão que orienta esta pesquisa é o abandono de edificações fabris na Vila de Santa Thereza em Bagé/RS, como uma consequência de diversos fatores, entre eles as mudanças tecnológicas e industriais e falta de ações efetivas para a proteção do patrimônio industrial. Partindo de uma revisão bibliográfica acerca da temática proposta (que engloba a preservação do patrimônio industrial, as indústrias derivadas da economia do charque e o abandono destes espaços), o estudo de caso será analisado a partir da escolha dos exemplares arquitetônicos que se encontram em estado de arruinamento. Desta forma, o presente estudo está dividido em quatro partes, além das considerações finais e referências.

Na primeira parte, busca entender as ressonâncias dos processos de industrialização na Vila de Santa Thereza, caracterizando as particularidades locais do complexo fabril-charqueador. Para isso, é realizada uma pesquisa histórica acerca dos processos de industrialização e seus impactos nas cidades. São analisadas as contribuições de Choay (1979), Benevolo (1994) e Ruffinoni (2019).

A seguir, propõe uma investigação sobre as mudanças que ocorreram no local a partir da decadência do ciclo do charque, analisando as percepções de Fernandez (1939), Marques (1990) e um documento presente no *Inventário para dossiê de tombamento do centro histórico de Bagé* (NEUTZLING, 2009) que dialoga com as informações analisadas.

A terceira parte reflete sobre a atual situação de abandono e o conseqüente arruinamento das edificações de valor cultural, discutindo a problemática da obsolescência dessas ambiências. As contribuições de Rocha (2010), Rodrigues (2017) e Maia (2019) auxiliam na compreensão desse espaço fabril que é analisado através de fotografias de edificações que se encontram em ruínas.

As imagens fotográficas foram obtidas através de levantamento realizado no ano de 2019 durante a elaboração do Trabalho Final de Graduação³ da primeira autora deste artigo. Os registros, realizados em um total de três dias de levantamento *in loco*, foram produzidos a partir de percurso nas ruas do local, visando uma maior aproximação com o objeto de estudo. Também foi realizado levantamento aéreo com o auxílio de veículo aéreo não tripulado (VANT) que permitiu a captura de imagens da extensão da área, bem como a ruína do Palacete do Visconde (de difícil acesso), que será analisada neste trabalho.

A partir do levantamento foram selecionados cinco exemplares em estado de arruinamento que representam aspectos relevantes para a construção do espaço fabril-charqueador, como residências, estabelecimentos comerciais e culturais. São eles as ruínas da antiga fábrica de línguas enlatadas McCall & Co. Ltda.; o Teatro Santo Antônio; as ruínas do coreto, as ruínas do palacete do Visconde de Ribeiro Magalhães (proprietário da Charqueada Santa Thereza), e a ruína de uma edificação residencial do conjunto em fita da vila dos operários.

O trabalho encerra debatendo a importância da salvaguarda do Patrimônio Industrial, avaliando questões elencadas por Choay (2006), Kühl (2009), Sant'Anna (2015), Ruffinoni (2019) e Sousa (2019).

As repercussões da industrialização na Vila de Santa Thereza

Os processos de industrialização da sociedade foram responsáveis por inúmeras mudanças nas cidades e nas formas de uso do solo. As alterações provocadas por estes avanços geraram o aumento da produção alimentar que acarretou na expulsão dos agricultores do campo, criando assim um enorme crescimento demográfico nas cidades. Estas, entretanto, não estavam aptas a comportar tais transformações, e passaram a enfrentar problemas de moradia, infraestrutura e insalubridade.

Como explica Benevolo (1994), entre as décadas de 1760 e 1790, houve um crescimento absoluto da produção industrial, atrelado ao desenvolvimento e crescimento das

indústrias, que se concentravam nas grandes oficinas. Isso chamou a atenção de inúmeras famílias provenientes dos distritos agrícolas, as quais deslocaram-se rumo aos distritos dos centros das cidades. Assim, houve uma grande mudança para essa população, que foi transferida de suas casas isoladas no campo, para os pequenos bairros construídos nos arredores das oficinas industriais. Foi dessa forma que surgiram, espontaneamente, novas cidades, e outras delas aumentaram significativamente.

Choay (1979) analisa a industrialização sob duas perspectivas: estrutural e quantitativa. Com relação ao ponto de vista estrutural, a autora pondera que, nas antigas cidades da Europa, toda a mudança e modernização dos meios de produção e de transporte, bem como o surgimento de novas funções urbanísticas, acabam colaborando para a dissolução dos antigos contextos, geralmente sobrepostos da cidade medieval e barroca. Já no que se refere à perspectiva quantitativa, a Revolução Industrial ocorre atrelada a uma intensa expansão demográfica das cidades, através do esgotamento dos campos em detrimento de um desenvolvimento urbano que atinge proporções jamais vistas.

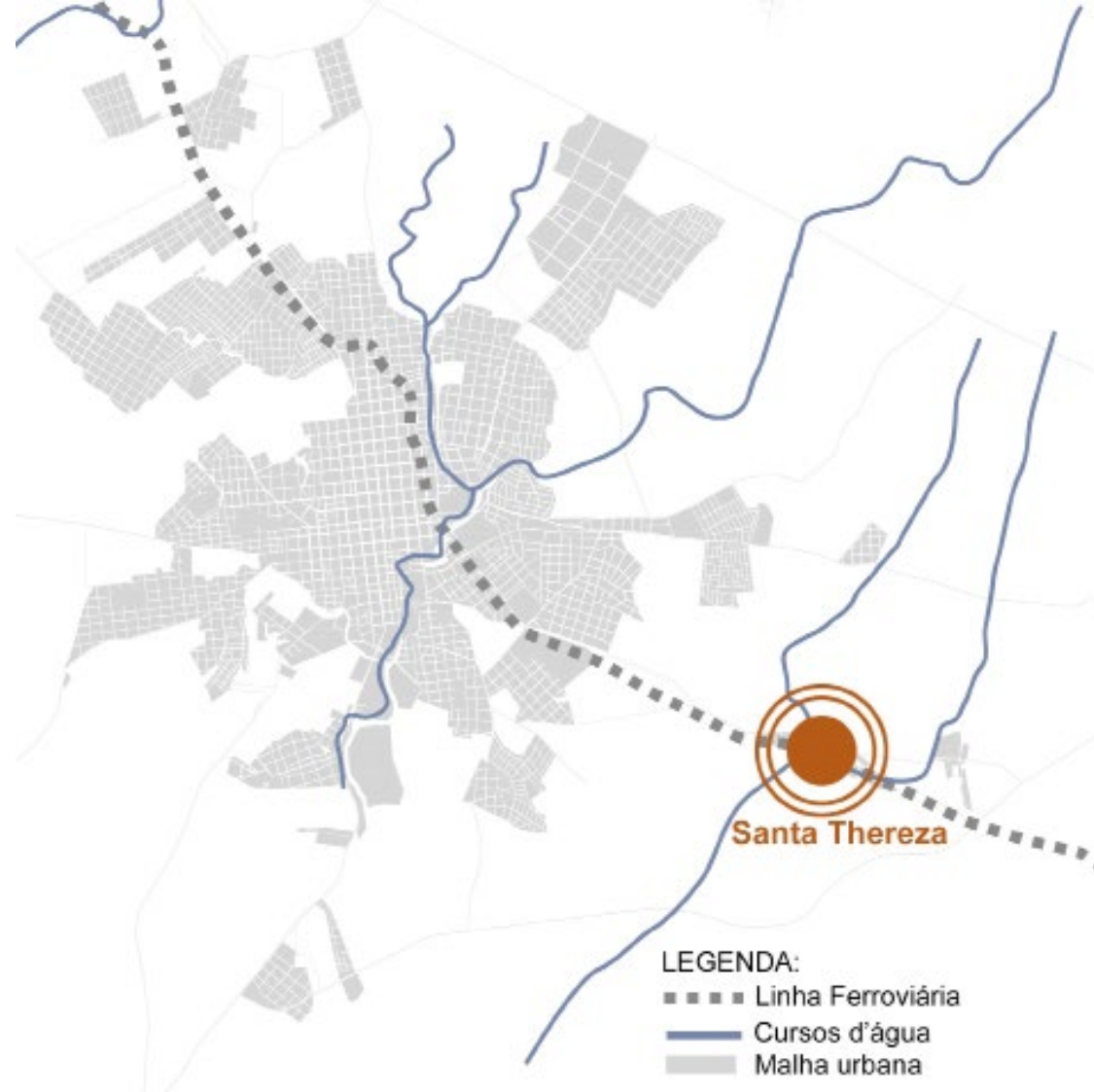
Um novo cenário começa a surgir, tanto no campo do urbanismo como das tipologias arquitetônicas. As áreas verdes foram incorporadas a esta nova configuração, criando uma nova paisagem nas cidades. Entre os modelos emergentes, surgem alternativas para os problemas existentes, reforçando a cidade como lugar de convívio, oportunidades e socialização.

Essas acentuadas transformações reverberam na Vila de Santa Thereza, na fronteira sul do Rio Grande do Sul. Uma das particularidades mais evidentes é a formação de um núcleo autônomo em relação à cidade, com todos os usos necessários ao seu funcionamento. A formação do conjunto fabril data de 1897 com a criação da Charqueada Santa Thereza. Esta charqueada se diferenciava das charqueadas do século passado e daquelas localizadas em outras regiões, como Pelotas, pelo complexo urbano formado ao seu redor. A Vila abrangia igreja, residências para os operários, teatro, hospital, escola, e outros estabelecimentos necessários para o aproveitamento total da indústria saladeiril, como fábrica de línguas enlatadas, de velas, de sabão, curtume, entre outros.

Diversas características presentes no complexo fabril-charqueador estão em consonância com os modelos provenientes da modernização dos espaços. Como mencionado, a utilização de amplas áreas verdes tornou-se um elemento marcante nesse novo panorama. Além dos aspectos materiais, o conjunto apresenta diversos aspectos imateriais e naturais que compõem a paisagem peculiar do local. A vegetação nativa é composta pela mata ciliar que está presente em toda a extensão do Arroio Quebrachinho. Somando-se a ela, existe ainda a vegetação implantada pelo ser humano: os eucaliptos e as palmeiras que o Visconde de Ribeiro Magalhães (fundador da charqueada) plantou do centro da cidade até Vila de Santa Thereza, criando um *boulevard*, que remete às intervenções que estavam ocorrendo nas cidades europeias do final do século XIX.

Afastada do centro urbano (ver Figura 1), a Vila de Santa Thereza se desenvolveu em meio a amplas áreas verdes, resultando em uma ocupação rarefeita do solo, que reforça o rompimento em relação à malha reticulada tradicional. Para Ruffinoni (2019), os valores excepcionais podem, por vezes, se manifestar em uma edificação industrial isolada. Porém, na maioria dos casos, esses valores expressam-se em uma rede de edifícios, sejam eles industriais ou não, que se conectam em razão da produção, como “galpões, edifícios fabris, vilas operárias, pátios de manobras, equipamentos, estruturas voltadas ao fornecimento de água e energia etc.” (RUFFINONI, 2019, p.46).

³ Entre Charqueadas: Um Caminho de Memórias - Diretrizes de preservação para as Vilas de Santa Thereza e Industrial - Bagé/RS. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/tfgonline/temas/patrimonio/>



Esta rede de edifícios compõem o complexo de Santa Thereza, que contava com inúmeros estabelecimentos necessários à vida de seus moradores, como escola, farmácia, hospital, restaurante, armazém, teatro e igreja. Além dessas, as vilas operárias surgem nesse contexto de mudanças e de uma lógica de controle do complexo fabril (BOLZAN *et al.*, 2017).

Nos novos modelos do urbanismo progressista, como a Cidade Industrial de Tony Garnier (1904), também é definido um lugar central para a implantação de edificações de maior porte ou caráter coletivo. No que se refere às edificações mais imponentes em Santa Thereza, estas são dispostas de modo isolado no lote, cercadas por jardins e áreas verdes. As ruínas do coreto, ruínas do palacete, a igreja e o teatro, como veremos em uma próxima etapa deste trabalho, demonstram essa peculiaridade.

Por fim, vale destacar a estrada de ferro como um elemento marcante dos processos fabris. No interior do Rio Grande do Sul, a implantação deste modal de transporte foi determinante para o surgimento e consolidação dos estabelecimentos saladeiris, que impulsionam as atividades econômicas na região, conectando a região da campanha gaúcha com o porto de Rio Grande e o Oceano Atlântico. Na Charqueada Santa Thereza foi implantada uma estação ferroviária própria de pequeno porte, junto às edificações do complexo fabril.

A decadência do ciclo do charque

Segundo Marques (1990), com as mudanças nos processos de produção, a indústria charqueadora foi lentamente sendo substituída pelas indústrias frigoríficas. Segundo ele, os primeiros indícios foram logo no começo do século XX, com o surgimento de

fábricas de conservas enlatadas como as de extrato de carne, línguas e rabadas. Essa situação pode ser vista em Santa Thereza com a criação, em 1903, da fábrica de línguas em conserva Paysandú de McCall & Co. Ltd. (BOUCINHA, 2008)⁴.

Outro fator que pode ter contribuído para a decadência do ciclo do charque foi a dependência da ferrovia como sistema de transporte. Nessa perspectiva, observam-se as informações do Visconde Ribeiro de Magalhães narradas em correspondência ao Governador Borges de Medeiros, que revelam o descontentamento dos proprietários desses empreendimentos na década de 1920 (NEUTZLING, 2009).

De acordo com os relatos, no ano de 1919, o Visconde apontava para um possível “complô” entre a empresa de viação férrea e os proprietários dos frigoríficos, visto que havia solicitado trens para o transporte de gado e em resposta a viação afirmou que a finalidade dos vagões seria apenas para o transporte de mercadorias. Assim, o Visconde afirma que o estoque das charqueadas não seria enviado, dificultando o funcionamento desses estabelecimentos do interior do Estado.

Em 1931, Fernandez (1939) revela também uma intensa crise no setor saladeiril. Segundo ele, os charqueadores vinham passando por prejuízos constantes, sem perspectivas de melhoras para o futuro. As indústrias de derivados, a invenção das máquinas frigoríficas e até mesmo o modal de transporte utilizado foram os precursores da queda do ciclo do charque. Este fato contribuiu para significativas mudanças que afetaram as ambiências saladeiris. Como veremos a seguir, os impactos se manifestam nas edificações de produção, nas residenciais e também naquelas voltadas ao lazer da população que vivia neste complexo.

Estudo de caso: a obsolescência nas ambiências da Vila de Santa Thereza

As últimas décadas apontam um contexto de mudanças nas concepções de salvaguarda de bens culturais, a partir de ampliações tipológicas, geográficas e temporais (CHOAY, 2017). Nesse contexto, observa-se a inserção dos bens oriundos dos processos industriais nos processos de patrimonialização. Mas, ao mesmo tempo, percebe-se que as heranças da industrialização ainda são pouco debatidas, e acabam sofrendo com o descaso e a falta de efetivas políticas públicas de preservação destes bens. Além da ação do tempo e das práticas humanas (ou a falta delas), as mudanças de função e de usos das edificações acabam por conferir às obras um estado obsoleto, como afirma Maia (2019):

(...) a mudança dos tempos, que acaba por desencadear esta destruição, começando pela destruição das funções. A obsolescência funcional é um dos maiores motivos para a existência deste problema, a mudança dos valores, da sociedade e dos seus modos de vida, faz com que seja forçosa a mudança no tipo de espaços, no tipo de edifícios (MAIA, 2019, p.2).

A obsolescência de determinados usos contribui de maneira significativa para o abandono de espaços e edificações e, como consequência, leva ao arruinamento ou destruição total de obras arquitetônicas. Na Vila de Santa Thereza, tais processos podem ser visualizados em diversas edificações.

⁴ <http://claudioantunesboucinha.blogspot.com/2008/07/fabrica-de-conservas-linguas-de-mac-cool.html#links>



O arruinamento pode depender de inúmeros fatores como o “grau (mais ou menos arruinado) e da causa da ruína (ação do tempo, destruição violenta de ordem natural ou antrópica, falta de um uso, abandono)” (RODRIGUES, 2017, p. 60). Em sua tese de doutorado⁵, Rodrigues (2017) identifica três grupos onde podem ser aplicadas as noções de ruína, a partir dos fatores que provocaram a degradação da obra e do tempo passado.

As *ruínas do tempo* são as edificações que tiveram o seu reconhecimento como obras de valor cultural já em estado de arruinamento, sendo o fator temporal o principal agente de degradação. As *ruínas da incúria* são aquelas onde o valor cultural já era reconhecido e posteriormente passaram pelo processo de arruinamento. Este grupo é atrelado à negligência com sua preservação e manutenção e a falta de uso. *Ruínas do incidente* são aquelas onde o valor cultural já é reconhecido e foram impactadas por algum acontecimento inesperado, como uma catástrofe natural ou resultante da ação humana (RODRIGUES, 2017).

O complexo fabril charqueador objeto deste estudo presenciou descaracterizações e perdas totais no seu conjunto edificado, mesmo após a criação da Lei Estadual nº 11891/2003 que o declara patrimônio cultural do estado do Rio Grande do Sul. No âmbito municipal apenas a Capela de Santa Thereza é protegida pela Lei nº 3534/1999. Essas medidas protetivas entraram em vigor quando o complexo já havia apresentado perdas e descaracterizações em seu conjunto edificado. Dessa forma, as ruínas que aqui serão apresentadas podem ser denominadas *ruínas de tempo*⁶ e são destacadas no mapa da Figura 2.

O primeiro remanescente analisado trata da ruína da antiga Fábrica de Línguas enlatadas Paysandú (Figura 03). A fábrica pertencia à firma McCall & Co. Ltda. que, de acordo com Lloyd (1913), possuía, na época, nove fábricas espalhadas pela América do Sul, sendo quatro no Brasil. De acordo com o autor, as línguas Paysandú possuíam fama mundial e eram preparadas a partir dos saladeiros de Bagé.

⁵ RODRIGUES, Angela Rosch. *Ruína e patrimônio cultural no Brasil*. 2017. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

⁶ Apesar dessa constatação, existe a possibilidade das ruínas se encaixarem na definição de *Ruínas da Incúria*, pois não existem informações precisas sobre o estado desses bens no momento dos processos de patrimonialização.



Figura 3 - Ruínas da antiga fábrica de línguas enlatadas Paysandú. Fonte: Acervo das autoras, 2019.

A fábrica era um estabelecimento importante no complexo fabril-charqueador, propiciando oportunidades de emprego para a população do núcleo e alavancando a economia local. A indústria do charque era suporte para o funcionamento da fábrica, e o declínio de tal prática, acabou repercutindo na condução deste estabelecimento. Não foi encontrada a data em que a fábrica fechou suas portas, mas a ruína presente no local atualmente revela as consequências das transformações dessas atividades industriais. A partir do percurso *in loco* e dos registros fotográficos realizados em 2019, os sintomas do abandono podem ser percebidos.

A ruína da fábrica de línguas localiza-se próxima às instalações da antiga charqueada Santa Thereza, e é possível avistá-la ao percorrer a Avenida Visconde de Ribeiro Magalhães⁷. Uma aproximação física, entretanto, se tornou árdua devido à vasta presença de vegetação ao seu redor, invadindo o seu interior. Além desse sintoma, a aparência da antiga fábrica é repleta de rachaduras, infiltrações, lixo e vandalismo.

De acordo com Rocha (2010), é comum vermos surgir manifestações de pichadores e artistas em detrimento da sensação de liberdade que o edifício neste estado proporciona. Entretanto, segundo o mesmo autor, esse fato pode ocasionar desconforto na população do seu entorno. Essas manifestações estão presentes em todo o perímetro da fábrica de línguas, apesar da dificuldade de acesso antes mencionada.

A edificação apresenta uma perda significativa de seus elementos arquitetônicos, ressaltando o abandono através do vazio das portas, janelas e cobertura. Apesar do estado de ruína, nota-se nas imagens, a volumetria da antiga fábrica e a data de sua fundação, 1902, onde é possível perceber elementos da antiga cobertura, composta por múltiplas águas.

Outra edificação analisada é o Teatro Santo Antônio. Integrante deste complexo, foi construído em 1908 (BOUCINHA, 1993), com o intuito de propiciar atividades de lazer à população de Santa Thereza. Segundo Soares (2006) existia um grupo de arte dramática e uma banda musical formada por trabalhadores das charqueadas. No teatro havia seis camarins, 17 camarotes, 50 cadeiras na plateia e ainda galerias para dezenas de pessoas, mesas de bilhar, piano, copa e bilheteria (SOARES, 2006).

⁷ Principal via de acesso à Vila de Santa Thereza.



O teatro, apesar de sua significativa figuração na vida dos moradores de Santa Thereza, ruiu completamente. Em 2005 quando se iniciou um projeto de revitalização e restauro na Vila, apenas as fundações do antigo teatro eram visíveis e, no seu lugar, uma nova edificação⁸ foi construída (Figura 04). Sobre este fato, Rocha (2010) pondera:

Na cidade, a maior parte das novas obras é desenvolvida após o abandono (e a demolição ou sobreposição) da estrutura anterior; um corpo fica onde anteriormente outro esteve. Para aqueles que vivem buscando esses momentos, sempre existirão duas construções: a abandonada e a atual (ROCHA, 2010, p. 98).

Apesar das fundações serem um resquício da estrutura do antigo teatro, a nova edificação, com uma linguagem contemporânea, reforça a ideia de sobreposições e agrupamentos da história. Conforme afirma Pesavento (2004), a cidade é um acúmulo de marcas de historicidade; como um palimpsesto⁹, existe uma sobreposição de camadas (tipologias, materialidades, experiências) que deixam vestígios e marcas na cidade.

Localizado à frente do Teatro Santo Antônio, encontra-se a ruína do antigo coreto (Figura 05). De acordo com Fagundes (2012), o coreto era circundado por um lago artificial e, no local, ocorriam apresentações musicais. Hoje, o lago já não existe e o acesso à *ilha* do coreto não pode ser realizado por questões de segurança. Assim como na Fábrica de Línguas, o abandono acaba por dificultar a aproximação física com essas arquiteturas.

De acordo com Rocha (2010), “no abandono tudo tende ao cinza, as cores se desvanecem pelo tempo, as superfícies descascam, revelando o cinza, tudo como um sinal ou sintoma do abandono, vestígios levinasianos” (p. 430). O coreto destaca-se hoje pela atmosfera cinza em meio ao verde do pampa gaúcho, onde apenas o

⁸ A nova edificação seguiu o uso da edificação anterior: um teatro.

⁹ Pergaminho no qual a primeira escritura foi apagada para o reaproveitamento, entretanto, ainda se percebe os resquícios dos escritos antigos.



esqueleto estrutural do que um dia fora um local vívido e palco de festividades pode ser visto.

Apesar de ser um elemento construído que não se relacionava diretamente com a atividade charqueadora, essa ruína integrou o panorama de abandono causado pela queda do ciclo do charque, manifestando também os sintomas deste fato.

O Palacete foi construído para abrigar a família do Visconde. A edificação se destacava entre as demais por possuir dois andares e apresentar diversos detalhes e ornamentos arquitetônicos. Segundo Soares (2006), foi implantado em local privilegiado, de onde era possível observar todo o complexo de Santa Thereza. Entre paredes e vazios, a tipologia e volumetria da edificação não podem mais ser reconhecidas devido ao estado de arruinamento atual. As ruínas do palacete do Visconde (Figura 06) podem ser visualizadas a partir do centro histórico, entre palmeiras e vegetação, marcando a paisagem do pampa gaúcho.

Novamente, a vegetação circunda a ruína e invade o seu espaço anterior. O abandono impede a aproximação com essa arquitetura. Desta forma, a edificação foi vista de longe, uma vez que o acesso se tornara perigoso em razão da presença dos trilhos do trem e da vegetação circundante. O uso do drone para a realização de alguns registros permite uma aproximação com a edificação abandonada.

Seguindo no rol de edificações residenciais, o abandono pode ser visto também naquelas voltadas para a vida dos trabalhadores das charqueadas ou indústrias de derivados. A ruína da unidade habitacional apresentada na Figura 07 faz parte do conjunto residencial destinado aos operários que trabalhavam na fábrica de línguas Paysandú.

Manchas, rachaduras, sujidade são sintomas do abandono que se manifestam nas paredes da edificação, assim como em seus vazios. Portas, janelas e a cobertura podem ser apenas imaginadas neste cenário de arquitetura residencial. Percebe-se nas novas inserções a tentativa de barrar o acesso à edificação, evidenciando uma certa atenção da população local em relação ao bem arruinado.



Figura 6 - Ruína do palacete do Visconde. Fonte: Acervo das autoras, 2019.
Figura 7 - Ruína de unidade residencial. Fonte: Acervo das autoras, 2019.

Das edificações que empregam as atividades industriais, como a fábrica de línguas enlatadas, às ligadas às atividades de lazer, como o coreto, até aquelas residências, como o palacete e a unidade residencial dos operários, observa-se que as mudanças nos processos industriais reverberam em todos os tipos edilícios remanescentes de um complexo voltado à esta atividade. O abandono que pode ser visto inclusive na imponente construção residencial do proprietário da charqueada, o que reforça esta constatação.

A salvaguarda do patrimônio industrial

Um dos primeiros indícios de ações relacionadas à preservação do patrimônio remontam a época da Revolução Francesa (CHOAY, 2006), onde obras selecionadas, edifícios e também monumentos começaram a ser compreendidos como públicos, como parte do coletivo, uma herança dos povos ancestrais, e, por isso, seria necessário preservá-los (SOUSA, 2019).

A preservação patrimonial, no âmbito da ação estatal, estabeleceu-se em diversos países da Europa no século XIX. Porém, apenas por volta da década de 1930 é que se manifestam e disseminam-se os documentos que objetivavam regulamentar

a sua preservação. Tais determinações buscavam atuar na resolução de problemas frutos do século XIX, a partir da restauração de monumentos e preservação de sítios arqueológicos (SANT'ANNA, 2015).

A preservação e a intervenção no âmbito do patrimônio cultural começam a receber mais atenção no início do século XX. Como consequência da organização dos encontros internacionais, são concebidas as primeiras recomendações e definições acerca do patrimônio e alguns instrumentos e órgãos que atuam na sua proteção e preservação. É neste momento que surge a Unesco e o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), que redigiram uma série de documentos voltados à salvaguarda de bens culturais.

Atualmente, muitas questões pertinentes ao estudo e a preservação do patrimônio industrial são tratadas pelo Comitê Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial (TICCIH), reconhecido como consultor pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS).

Dentre os diversos instrumentos existentes que contribuem para o campo disciplinar da preservação patrimonial, as Cartas Patrimoniais se constituem como uma dessas ferramentas. Tais documentos objetivam contribuir e orientar o exercício das instituições e sujeitos que atuam na proteção do patrimônio (KÜHL, 2010). Os primeiros documentos voltados para as construções oriundas dos processos industriais surgiram no início dos anos 2000. A Carta de Nizhny Tagil e os Princípios de Dublin foram publicados em 2003 e 2011, respectivamente, e, segundo Rufinoni (2019), destacam a dimensão urbana e territorial fruto da industrialização como um obstáculo a ser superado pelos instrumentos de preservação.

A Carta de Nizhny Tagil aborda a temática de Patrimônio Industrial, apontando sua importância, métodos de reconhecimento, manutenção e conservação deste patrimônio.

O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitetônico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infraestruturas, assim como os locais onde se desenvolvem atividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação (NIZHNY TAGIL, 2003, s.p.).

Rufinoni (2019) ao se referir aos Princípios de Dublin constata que existe um alargamento desses conceitos e definições, os quais passam a absorver outros aspectos presentes em sítios industriais, como aqueles ligados à imaterialidade. Assim, para além das evidências materiais da atividade fabril, o seu entendimento passa a compreender também os saberes e práticas, a articulação e desenvolvimento do trabalho, ou seja, a herança, o patrimônio social, cultural e histórico advindo da intervenção da indústria no cotidiano da população, o qual produzem transformações na organização de sociedades e até mesmo no mundo todo (RUFINONI, 2019).

Ao considerar a herança da industrialização como patrimônio cultural, deve-se entender que o tratamento e a preservação dos sítios industriais envolvem uma série de questões. De acordo com Kühl (2009):

O valor afetivo e simbólico associado a determinadas atividades produtivas e ao trabalho, a vinculação de variadas comunidades

com seu passado industrial e o potencial político e econômico das transformações, possuem grande relevância e devem ser devidamente examinados e ponderados (KÜHL, 2009, p. 22).

Entende-se, assim, que os exemplares arquitetônicos não podem ser desassociados do contexto histórico, econômico, político e social a partir dos quais foram produzidos. No caso da arquitetura industrial, esses bens possibilitam a compreensão das atividades econômicas praticadas, sendo fonte de investigação sobre o local, o período histórico e as comunidades que os integram.

Ao considerar a herança da industrialização como patrimônio cultural, deve-se entender que o tratamento e preservação dos sítios industriais envolvem uma série de questões. Nessa perspectiva, a Carta de Nizhny Tagil (2003) e os Princípios de Dublin (2011) são documentos importantes para o entendimento do *Patrimônio Industrial*.

Na realidade da Vila de Santa Thereza, existem alguns instrumentos de proteção que foram citados anteriormente. Entretanto, o descaso e abandono evidentes no local objeto deste estudo pode ser justificado pela falta de ações efetivas de salvaguarda.

É importante ressaltar a participação da população local para as medidas relacionadas com a preservação patrimonial. Os princípios da Política do Patrimônio Cultural Material (PPCM) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) apontam, em sua totalidade, para o direito de participação das comunidades nos processos de patrimonialização; assim, os grupos integrantes do patrimônio em suas diversas manifestações devem ser voz ativa nas tomadas de decisão.

A educação patrimonial é uma ferramenta essencial para a compreensão dos motivos pelo qual se preserva determinado bem, logo, auxilia nas ações de preservação e conservação. O processo de identificação de um bem a ser preservado torna-se limitado quando se lança o olhar a apenas certos exemplares, como a arquitetura que apresenta valor estético e/ou excepcional. Assim, reforça-se a importância da participação das comunidades locais nos processos de patrimonialização.

Considerações

A transformação dos espaços se concretiza através da passagem do tempo e os diferentes aspectos sociais, históricos, culturais e regionais atrelados a ele. Muitas vezes as mudanças são inevitáveis, principalmente em locais onde não existem ações efetivas de salvaguarda. É preciso entender, entretanto, que estas mudanças podem causar perdas e descaracterização do patrimônio e, por isso, torna-se fundamental tecer uma análise e um debate profundos com a finalidade de entender como e de que maneira essas transformações podem ocorrer, a fim de orientar futuras ações de intervenção.

Apesar do complexo arquitetônico da Vila de Santa Thereza representar parte de um período importante para a história da cidade de Bagé, e até mesmo do Rio Grande do Sul, verifica-se a fragilidade em relação às medidas efetivas de preservação do conjunto, que se manifesta na descaracterização e no abandono desses bens.

Este trabalho buscou caracterizar e analisar o complexo fabril-charqueador de Santa Thereza e as transformações que ocorrem através da análise da obsolescência da ambiência fabril. O período onde usos e espaços adquirem um grau obsoleto em decorrência de transformações pode provocar o arruinamento ou perda total das edificações expressivas de valor cultural. Neste cenário, não somente os espaços de

produção são afetados, mas também todos os que compõem o sítio industrial, como as residências e as edificações comerciais e institucionais.

Apesar das legislações existentes no âmbito estadual e municipal, os processos de patrimonialização precisam do envolvimento das comunidades locais para a manutenção e a preservação efetiva dos bens. Nessa perspectiva, as inquietações apontadas neste trabalho contribuem para as reflexões desenvolvidas na dissertação de mestrado em andamento, que pretende realizar essas aproximações a partir da escuta da população local, buscando identificar questões importantes para o reconhecimento e apropriação desses bens materiais e imateriais de valor cultural.

Referências

- BENEVOLO, Leonardo. *As Origens da Urbanística Moderna*. Lisboa: Presença, 1994.
- BOUCINHA, Cláudio Antunes. *A História das Charqueadas de Bagé (1891 – 1940) na Literatura*. 1993. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.
- BOLZAN, Greyci B. *et al.* O Relógio Urbano: a vida regrada pelo tempo da fábrica. In: Seminário de História das Artes, 2017, Pelotas. *Revista Seminário História das Artes*. Pelotas: Ed. UFPel, 2017. v. 6. p. 1. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/11568>. Acesso em: 08 nov. 2022.
- CHOAY, Françoise. *O Urbanismo - Utopias e Realidades*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- CHOAY, Françoise. *Patrimônio em Questão: Antologia para um Combate*. Tradução de João Gabriel Alves Domingos. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2011.
- FERNANDEZ, Cassiano Alberto Lorenzo. *Nova era para a indústria do charque*. Rio de Janeiro: Tipografia Esperantista, 1939.
- ICOMOS, TICCIH. *Princípios conjuntos do ICOMOS-TICCIH para a Conservação de Sítios, Estruturas, Áreas e Paisagens de Patrimônio Industrial*. [Princípios de Dublin]. Aprovados na 17ª Assembleia Geral do ICOMOS, em 28 de novembro de 2011. Disponível em: <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2017/12/Princi%CC%81pios-de-Dublin.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- IPHAN. Portaria nº 275, de 19 de setembro de 2018. Institui a Política do Patrimônio Cultural Material do IPHAN. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, n. 182, p. 7-11, 20 de setembro, 2018.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. *Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização*. Cotia: Ateliê, 2009.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. Notas sobre a Carta de Veneza. In: *Anais do Museu Paulista*, 2010, vol.12, n.2.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. Patrimônio industrial: algumas questões em aberto. *Arq.urb: Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo*, 3, 2010.
- LLOYD, Reginald. *Impressões do Brasil no Século Vinte*. Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd., Inglaterra. Londres, 1913.

MAIA, Marta Lagoutina Maia. *Lugares de abandono: da obsolescência arquitetônica ao turismo identitário. Proposta de turismo vitivinícola para a reabilitação do palácio dos Duques de Aveiro em Azeitão*. 2019. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019.

MARQUES, Alvarino da Fontoura. *Evolução das charqueadas Rio Grandenses*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1990.

NEUTZLING, Simone Rassmussen (coord.). *Inventário para dossiê de tombamento do centro histórico de Bagé*. 2009. (Relatório Técnico). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ministério da Cultura.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. *Revista Esboços*, 11(11), 25-30. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/334>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

ROCHA, Eduardo. *Arquitetura do abandono (ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, da filosofia e da arte)*. 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

RODRIGUES, Angela Rosch. *Ruína e patrimônio cultural no Brasil*. 2017. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RUFINONI, Manoela Rossinetti. Do edifício ao território: o patrimônio urbano industrial na trajetória do CONDEPHAAT (1968-2018). *Arq.urb: Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo*, (26), 44-60, 2019.

SANT'ANNA, Márcia. Preservação como prática: sujeitos, objetos, concepções e instrumentos. *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. Rio de Janeiro; Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015.

SOARES, Fernanda Codevilla. *Santa Thereza: Um Estudo sobre as Charqueadas da Fronteira Brasil-Uruguaí*. 2006. Dissertação (Mestrado em Integração Latino Americana), – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal Santa Maria. Santa Maria. 2006.

TICCIH. *Carta de Nizhny Tagil sobre o Patrimônio Industrial*. Nizhny Tagil: The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage, 2003. Disponível em: <https://ticcihbrasil.org.br/?page_id=675>. Acesso em: 14 nov. 2022.